Aveiro, 19 de Maio de 1962 ★ Ano VIII ★ N.º 395

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITANIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

Em prol das VALORIZAÇÕES REGIONAIS

POR M. LOPES RODRIGUES

E' assunto primordial, e de instante preocupação dos nossos dias, a referência e o estudo dos problemas que definem, na conjuntura da panorâmica económica da actualidade, as características dos países considerados como subdesenvolvidos. E para o efeito resolutivo destes problemas que são, sem dúvida, o fruto infeliz de certos nacionalismos, exorbitantes e egoístas, de algumas nações que condições especiais favorecem, permitindo que se tornassem mais prósperas, lançam-se sugestões, procuram-se processos e promovem-se entendimentos, em que o capital, como «produto base» é posto, deliberadamente, ao serviço da maquinaria e das acções promotoras e actuantes, com vista a desenvolver e a criar novas fontes de actividade e prosperidade.

Lògicamente, tudo o que tenha por fim valorizar os homens e os povos — a condição humana e as sociedades constituidas — procurando melhorar os seus níveis de vida, neutralizando as causas dos seus declínios e suprindo as condições das suas insuficiências; tudo o que possa proporcionar-lhes a maneira eficiente de usufruírem as vantagens e os benefícios que resultam do aproveitamento sistemático das possibilidades ilimitadas da ciência e da técnica, é resolução estimável, muito de considerar e desejar, que aqui aplaudimas sem reservas.

É evidente que a par das melhorias materiais devem alinhar também, como úteis e imprescindíveis, as valias morais da dignidade humana e civilizadora, para que no conjunto das duas benesses a Humanidade seja, assim, mais perfeita, os homens intencionalmente melhores e virtuosamente dignos uns dos outros, nos seus entendimentos individuais e colectivos — senhores de um humanismo cheio de beleza, de justiça, de amor e de paz.

Mas, para que sejam proveitosos e fecundos estes planos e esta acção de auxílio, há que considerar, criteriosamente, o aspecto da sua aplicação e aproveitamento, fazendo com que a sua revertibilidade seja, dentro das nações, tão extensa como profunda.

Ora, ao efeito das condições de vida de então, as civilizações sempre se conduziram,

Continua na página 6

Evocação de um Aveirense

APONTAMENTO DE EDUARDO CERQUEIRA

Francisco António de Resende Júnior

PELA sua devoção fidelíssima à terra natal e pela afectuosa solicitude para com os conterrâneos, que nunca debalde lhe bateram à porta, se alguma vez já lha não encontraram de todo escancarada fraternamente, Manuel Lavrador, desde há algumas décadas, é uma espécie de «consul-geral de Aveiro no Porto». Credenciado bastantemente por um aveirismo contagioso, militante e prestadio, é uma presença da nossa terra, viva e benfazeja, e, mesmo sem papiros e selos oficiais, que para o caso não importam, bem lhe assenta a qualificação, já que no exercício espontâneo da função se compraz, guiando-nos os passos e desobstruindo-nos o caminho de embaraços, se em qualquer emergência pretendemos na urbe portuense alguma coisa que ultrapasse o trivial ou exceda o âmbito da «volta dos tristes» e adjacências. Eu, cá por mim, quase lhe não dou outro tratamento, há uma data de anos, certo do seu mérito e do seu préstimo, da sua solicitude e cabal aptidão e boa-vontade de servir a sua terra e o patrício.

Pois, Manuel Lavrador, — que sempre lhe está o sentimento a inclinar a pena para as coisas aveirenses —, não há muito tempo, numa das suas evocativas «Crónicas da Sempre Invicta e Leal Cidade», não poude furtar-se a pôr em relevo um homem de Aveiro que anda caído no esquecimento e, por alguns títulos, merece ser recordado — o engenheiro Francisco António de Resende Junior.

Alberto Pimentel, no seu

Continua na página 7

FRENTE PATRIÓTICA

9

A unidade nacional é um comprimento de onda pela qual se transmitem os sentimentos de um povo. Para a receber ou transmitir é preciso sintonizar com as vibrações dos outros. Não é simples técnica, arte ou ciência nem depende das instalações cus-

UMA OPINIÃO DO DR. FRANCISCO RENDEIRO

tosas e pesadas para produzir as vibrações electromagnéticas da rádio-transmissão e captação. Como a electricidade e com a electricidade, já existia antes de ser descoberta, mas os homens ignoraram o fenómeno até que o génio de Marconi lhe deu aplicação nas comunicações que, desde o insigne italiano, já não dependem de fios condutores. Agora todos sabem que somos condutores eléctricos e que os nossos sentimentos resultam da troca permanente entre os indivíduos de um aglomerado populacional que não exceda a distância de captação.

A técnica tem aumentado extraordinàriamente aquela distância, a ponto de, actualmente, o povo português poder ser influenciado pelo que lhe transmitem de Moscovo como sendo a verdade acerca do que sente o povo russo. Como não é possível a verificação *de visu* do que ouve o povo do aglomerado nacional português, e lhe é transmitido de Moscovo *para bem de todos os trabalhadores*, é lógico que muitos acreditem o que ouvem, tanto mais que já há por cá, quem jure pelos santos evangelhos que *Moscovo fala verdade*. À primeira vista pareceria que tal propaganda seria fàcilmente anulável por uma contra-propaganda a dizer e provar que Moscovo não fala a verdade, mas, bem vistas as coisas, é preciso que o espaço ofereça as condições apropriadas para uma boa transmissão e captação, isto é, o meio tem uma influência decisiva. Vem das calendas gregas o conhecimento do meio em que vivemos. Teriam sido as colónias gregas que aqui deixaram o veneno do cepticismo. Se foram coevos de Ullisses, não sabemos; mas, que aquele grego, fundador de Lisboa, a Ullyssipo Pulcherrima, lá deixou cepticismo que as cheias do Tejo ainda não lavaram, é que não há dúvida; assim, seria necessário preparar o meio, se a natureza o consente.

Continua na página 7

O RAPAZ DO CHAPÉU...

Desenho de ZÉ PENICHEIRO

O SANTO MARTIN DE PORRES, O SÃO FRANCISCO DE LIMA

PELO DR. JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

OS jornais de hoje trazem a notícia de que o Papa João XXII canonizou o primeiro santo mestiço da Igreja Católica Romana. O santo é o limenho Martín de Porres (1579-1639), filho natural de Dom Juan de Porres e duma negra criola de Panamá. Imagino a alegria que vai pelo Perú. Apesar de não ser religioso, estou neste momento com os meus amigos de Lima, de Cuzco, de Iquitos, de Arequipo, porque os pressinto alegres como uma manhã de sol andino. E com eles festejo esta data, uma data que ficará gravada no coração de todos os peruanos do litoral, da meseta, dos Andes. Os negros do litoral — que os negros do Perú não se dão nem na meseta nem nos Andes onde sopra o frio «puelche» e logo são atacados pela «puna», o mal da montanha, se ousam deixar as quentes areias do litoral —, sobretudo esses negros do litoral, «hombres del guano», sentirão uma grande alegria porque Martín (assim o chamam no Perú) era mulato e levava metade de sangue negro nas suas veias de lírico religioso.

A figura de Martín é-me muito familiar porque nenhum peruano — e o Perú é talvez o país mais católico de toda a América Latina — silencia o seu nome e a sua obra. Todos os

Continua na página 2

O Santo Martin de Porres, o São Francisco de Lima

Continuação da primeira página

escritores, poetas e historiadores de Perú se tem referido a Martín, esse Martín dos versos de Enrique Peña Barrenechea, poeta contemporâneo:

Cómo viene, Señor, tu gracia pura
alentando en las venas del mulato!
Cómo da de comer del mismo plato
al gato y al ratón, tu criatura!
Cómo su tez por ti se transfigura
y se torna celeste! El arrebato
de los pequeños cesa. Y es hartura
um mendrugo de pan. Y reza el Beato.

Ou dos versos de Arturo Montoya:

Si has curado los males del cuerpo
sanarás del espíritu el mal;
si a los muertos devuelves la vida,
qué prodigios, Martín, no podrás?
Que las voces humanas no cesen
de ensalzar tu virtud sin igual,
como lo hacen los coros angélicos
en la eterna mansión donde estás.

Ou os versos de Clemente Althaus (1835-1881), poeta do romantismo peruano:

En vano Fray Martín, la noche fría,
vistió tu rosto con la sombra oscura,
más que la nieve era tu alma pura,
y más clara que el sol de mediodía;
y hoy en la gloria perennal te alegras,
mientras gimem sin tregua en el profundo,
mil y mil que tuvieron en el mundo
los rostos blancos y las almas negras...

Ou ainda os versos doutro poeta peruano contemporâneo, Óscar Ponce de León:

Por el milagro que me hiciste un dia
em que invoqué tu divinal ayuda,
mi espíritu contrito en ti se escuda
cuando me hiere la caterva impía...
Mi alma llena de lírica armonía,
libre ya del tormento da la duda,
ante tus plantas se prosterna, muda,
en un rapto de tierna idolatría...
Humilde como tú, piadoso y bueno,
he de llevar con ánimo sereno
la cruz que elija para mí el Destino...
Y como tú, sin llantos ni querellas,
quiero sembrar de soles y de estrellas
la cinta interminable del camino...

E os poemas a Martín não terminariam...

Desde 1504 que o Vaticano decidira fundar bispados na recém descoberta América. É conhecido o importante papel que os religiosos tiveram logo no começo da vida colonial das Índias (assim chamavam os Reis Católicos às terras que Colombo pròdigamente lhes oferecera). Difundiram o cristianismo, organizaram e dirigiram o ensino e defenderam o índio contra a exploração do «encomendero» (ah, bendito Frey Bartolomé de las Casas!).

Daí que a atenta Igreja Católica desde longa data também tenha consagrado como santos ou beatos veneráveis religiosos que nasceram ou actuaram nas Américas: o Arcebispo Toribio Alfonso de Mogrovejo (1534-1606), o Bispo Juan de Palofox (1600-1659), Fray Francisco Solano (1549-1610), Fray Luís Beltrán (1523-1581) o Padre Pedro Claver (1580-1654), defensor dos escravos negros, a monja Rosa de Lima (1586-1617), o mexicano Fray Felipe de Jesús (1573-1597), mártir da fé crucificado no Japão e, agora, o mulato peruano Fray Martín de Porres, que estabeleceu em Lima o primeiro orfanato e ensinou agricultura.

Perú tem casos religiosos de transcendência. Martín enfileira, assim, numa lista de destacados religiosos peruanos, cada um deles com a sua própria fisionomia. Podemos, todavia, com inteira exactidão afirmar que o santo mais querido no Perú não é um santo mas uma santa, a Rosa de Santa Maria ou Santa Rosa de Lima, que no Mundo se chamou Isabel Flores de Oliva e nasceu no mês de Abril. Rosa pela formosura da sua alma e de toda ela, rosa pelo fragante perfume embriagador das suas virtudes. Flagelava-se a si mesma, dormia sobre espinhos e pedras ponteagudas, auxiliou os pobres e os enfermos e desapareceu aos trinta e um anos deste Mundo, tranquilamente. Santa Rosa de Lima é mesmo o primeiro caso de perfeição hispano-americana reconhecido pelo Vaticano. Morreu jovem como para representar a própria juventude do Novo Mundo. Uma Santa de bom humor.

Mas vejamos o que diz o notável escritor peruano Luís Alberto Sánchez, actual Reitor da Universidade de San Marcos de Lima, sobre os religiosos da devoção peruana e suas qualidades diferenciadoras:

«Ahora bien, la personalidad religiosa a más significativa de toda la história peruana, guardados los respetos debidos a Toribio de Mogrovejo, el innovador; al Beato Martín de Porres, el humilde; a Francisco Solanno, el categuista; a Fray Juan de Alloza, el iluminado; a Fray Alonso de Messia, el elocuente, y al Venerable Francisco del Castillo, el contemplativo, es Santa Rosa de Lima. De todos los confines del orbe católico brotan alabanzas a la modesta criolla, cuya juventud floreció de prodigios». Depois, Rosa de Lima, a santa limenha por excelência, tinha o dom da poesia, se bem que em menor grau do que a monja colombiana Sor Francisca Josefa del Castillo y Guevara, chamada Madre Castillo (1671-1742) ou do que a genial mexicana, a monja Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695), para mim o caso mais extraordinário de toda a literatura femenina universal. Santa Rosa de Lima, chamando Jesús, poetizava:

Las doce son dadas
mi amante no viene;
quién será la dichosa
que lo entretiene?

e falando ao rouxinol, dizia-lhe:

Pajarillo ruiseñor,
alabemos al Señor;
tú alaba a tu criador,
yo a mi Salvador.

Mas deixemos Santa Rosa de Lima, a bela, no seu nicho da preferência peruana e voltemos a Fray Martín de Porres, seu contemporâneo, com quem muitas vezes Santa Rosa terá conversado sobre um minúsculo insecto ou sobre uma alma sofredora. Vejo-os espelhados no Rímac, puros como as suas águas

O pai de Martín, que sempre o tratou como seu filho, levou-o consigo para Guayaquil, no Equador, onde o jovem mulatito aprendeu a ler e a escrever. Ao regressar a Lima «platicó» de barbeiro para poder sustentar-se, mas repartia quanto ganhava pelos mais pobres do que ele. Sua humildade era tão grande que ao ingressar no Convento de Santo Domingo não o quis fazer como sacerdote mas como simples irmão leigo. Curava os enfermos. Os seus milagres iam desde a velha Ciudad de los Reyes (hoje Lima) a Cuzco, «el ombligo del mundo», a lendária Cuzco situada a 3500 metros acima do nível do mar, a cidade das nuvens já quási nos píncaros dos Andes. Corriam todo o território dos incas subjugados.

A sua morte, ocorrida em 3 de Novembro de 1639, foi sentida por todos. Ao seu funeral concorreram a Audiência, o Cabido e as comunidades religiosas. Foi enterrado pelo arcebispo no capítulo do seu convento e daí foram trasladados os seus restos para o lugar da sua cela, convertida em rica capela, onde finalmente repousaram as suas relíquias veneradas. A sua vida exemplar foi relatada pelo limenho Frei Juan Meléndez, na obra «Tesoros verdaderos de las Indias», obra impressa em Roma em 1681 e 1682, e que concorreu bastante para a beatificação de Martín, verificada em 1837. Sua vida, em prosa, foi também contada pelo limenho Adrián de Alesio que chegou a Predicador Geral do Convento de Santo Domingo, onde Martín vivera.

O ilustre historiador Victor Andrés Belaunde (1883), felizmente ainda vivo para a glória do Perú, pois é um dos seus mais destacados intelectuais e um dos homens que mais brilho deu à Universidade de San Marcos, dedicou um livro ao Santo Martín de Porres. Escreveu esse livro depois de se ter convertido à fé religiosa, tal como acontecera com o seu mestre e amigo José de la Riva Aguero, outro grande e saudoso historiador peruano. Segundo Rubén Vargas Ugarte, historiador peruano jesuíta, *«Belaúnde ha visto en Martín una encarnación de la peruanidad; la fusión de razas que en él se opera, su efusiva caridad inspiradora de obras de alcance social nada común en su tiempo, esa simpatia que siente para con los animales más pequeños, ese franciscano arrobamiento ante el espectáculo de la naturaleza pródiga en nuestro suelo, el más puro misticismo unido a una actividad múltiple, desplegada en benefício de los demás hacen de Martín um Santo extraordinário, pero también el Santo representativo de nuestra nacionalidad».*

Martín está considerado, portanto, como símbolo da própria peruanidade. É o máximo que se pode dizer dum homem mestiço numa nação em franca mestiçagem, como é o Perú, onde confluem os mais diversos sangues — o índio, o espanhol, o africano, o chinês — num desejo de fabricarem de repente a «raça cósmica» preconizada pelo saudoso filósofo mexicano José Vasconcelos (1881-1959). O próprio Vaticano, ao canonizar Martín, frizou que tal «representava um apelo para uma melhor compreensão entre todas as cores e raças».

E peruanidade é, acima de tudo, mestiçagem. Lembro este período do historiador e amigo Dr. Victor Andrés Belaúnde: *«Martín de Porres representa también entre nosotros por su obra, dentro del marco de la evolución del catolicismo, la solución del problema social que necesita no solamente una solución técnico-política, sino un estado de espíritu colectivo, llamado con razón emoción social».* Martín com sua vida e obra foi este passo duma solução técnica-política abstracta a uma solução impregnada de emoção social, concretíssima. A bondade amansa os leões, dizia São Francisco de Assis...

Gostaria de transcrever ao leitor trechos de Luís Alayza y Paz Soldán, Carlos Alberto Fonseca, Aurélio Garcia Sayán, Ricardo Mariátegui Oliva, Manuel de Mendiburu, César Miró, Rubén Vargas Ugarte e outros sobre o Santo Martín. Mas seria uma antologia. E cansaria o leitor. Quero, porém, recordar ainda dois trechos. Um de Ricardo Palma, outro de Aurélio Miró Quesada.

O do grande escritor Palma (1833-1919) é gracioso e evidencia o amor de Martín pelo ratos dos campos (pericotes):

«Fray Martín de Porres tuvo especial predilección por los pericotes, incómodos huéspedes que nos vinieron casi junto con la conquista, pues hasta el año de 1552 no fueron esos animalejos conocidos en el Perú. Llegaron de España en uno de los buques que, con cargamento de bacalao, envió a nuestros puertos un don Gutierre, obispo de Palencia. Nuestros indios bautizaron a los ratones con el nombre de hucuchas, esto es, salidos del mar».

O trecho de Aurélio Miró Quesada Sosa é uma síntese perfeita de Martín. Quesada y Sosa, professor da Universidade de San Marcos, é o mais seguro conhecedor de Inca Garcilaso, a principal figura literária do Perú colonial senão mesmo de todo o Perú, já que os seus «Comentários Reales de los Incas» são a bíblia da peruanidade. O Inca Garcilaso teve amigos lisboetas. Os «Comentários» estão dedicados à «Sereníssima Princesa, Doña Catalina de Portugal, Duquesa de Braganza». O Inca Garcilaso, visitou Lisboa em fins de 1560. A «Florida del Inca» publicou-se em Évora, em 1557. Por tudo isto o Prof. Aurélio Miró Quesada y Sosa veio expressamente a Portugal, em 1958, para estudar documentos relacionados com o Inca, esse divino mestiço de espanhol e de princesa incaica. Conheci-o porque tinha a tratar assuntos com Joaquim de Carvalho, autor de «Leão Hebreu e o Aristotelismo da Renascença» e sabido que o Inca foi o primeiro tradutor dos «Diálogos de Amor» de Leão Hebreu. Daqui que, ao transcrever a síntese de Quesada sobre o Santo Martín, tenha a impressão de estar a ouvir o distinto erudito peruano... Li-a hoje, reli-a hoje, no seu livro «Lima» (1946): *«De la misma pureza y del mismo sentido lírico y menudo, es el mulato Fray Martín de Porres. Hermano reduzido y menor del Poverello, en él no hay tampoco ímpetus dramáticos, arrestos de novela de aventuras, pasión intensa y viva como en un libro de caballería a lo divino. En él todo es suave y apacible; frescura de huerto o de jardín, lírica sombra de garúa limeña. Sus atributos no son por eso una cruz, un corazón sangrante, o una eglesia en la mano como los santos fundadores de órdenes. Al mulato Martín (Martín se le seguirá diciendo siempre, con deliciosa familiaridad, aunque se le haya llevado a los altares) sólo se pinta con trés símbolos leves: con frascos de remedios, como enfermero; con una escobita, como humilde servidor del convento; y con un gato, un perro y un ratón, por su prodigio más raro y más sonado:*

y comieron en un plato
perro, pericote y gato.

Amigo de los amimales, enfermero y portero del convento, religioso que barre celdas y que toca campanas, Martín de Porres será siempre uno de los hombres tutelares de Lima; y en Malambo y en Santo Domingo, en Limatambo o en la Recoleta, en la iglesia de Nuestra Señora de la Cabeza o en el Puente, entre los libros de Santo Domingo que por él dejaron de comer los ratones o en los olivos del nuevo barrio residencial de San Isidro, que son retoños de los troncos plantados por él, se le seguirá mirando siempre con su corazón iluminado; mulato de alma blanca».

Dia de Santo Martín
Inhambane, 7 de Maio de 1962

Joaquim de Montezuma de Carvalho

SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

Viver e Sobreviver

O prezado leitor não está inteiramente livre de acertar nos treze resultados do Totobola, ou de lhe entrar pela porta dentro o prémio maior da Santa Casa.

A' primeira vista, parece que só benefícios e alegrias lhe podem advir desse repentino contacto com a Fortuna. Mas não. Satisfeitos certos apetites vèlhinhos e obtidas algumas comodidades de alto preço, notará imediatamente que a vida do novo-rico é atribulada, nervosa, fértil em obstáculos do tipo mais diverso. Isto porque você, habituado desde o berço ao caldo verde e à sardinha miúda, à gravata dos chineses e ao terno de fioco, à matiné dominical e aos piqueniques saloios, não sabe gastar dinheiro primorosamente. A sua carteira regurgita de impecáveis notas e o saldo da sua conta bancária escreve-se com dez algarismos. No entanto, a feliz posse de tamanho numerário não o ensinará a vestir um smoking, *escolher uma camisa, comprar jóias, oferecer flores, falar a propósito e calar com brilho. Tão pouco a descascar convenientemente uma trivial ameixa Rainha Cláudia, ou a executar em correcto andamento as sucessivas fases dum elementar beija-mão.*

Disso resultará que o bom leitor, embora pentatotalista dos prognósticos ou herdeiro festejado dum venezuelano, não tardará a lembrar com saudade os serenos tempos da pobreza.

Este, o problema. Quanto à solução, acabam os imaginativos franceses de a descobrir, criando assizadamente um Instituto de Bom Gosto para Ensinar e Refinar os Chamados Novos-Ricos. Numa época maravilhosameute dominada pelas grandes realizações nacionais de toda a ordem, não se nos figura ousado solicitar, para os portugueses, um estabelecimento didático semelhante — digamos, uma verdadeira universidade da arte de bem viver.

De viver com elegância, requinte, nobreza, classe.

O Instituto em questão funciona em Paris. Aristocràticamente alheio à O. A. S., às bombas de plástico e ao caso argelino, ocupa-se com religioso empenho na educação dos recentes corifeus do dólar e do franco, sujeitando-os a lições de professores tão reputados como madame Louise de Vilmorim, catedrática de perfumes, Gisèle d'Assailly, mestra de protocolo, e o barman *Georges, príncipe do «cocktail». A senhora Réveillon, perita em peles, evita que os alunos venham a lamentàvelmente confundir o vison com o coelho, e o director da célebre fábrica de vidro de Baccarat habilita-os a distinguir perfeitamente o cristal da Boémia da loiça das Caldas. Que mais se pretende?*

E' com o coração repleto de mágoa que deploramos a inexistência, no nosso país, duma instituição idêntica. Claro que reconhecemos a manifesta impossibilidade de atender, os ricos que todos os dias aparecem e medram. No entanto, o nosso fecundo amigo Zózimo Pedrosa sugere uma decisão de alternativa — que é, simètricamente, a de se abrir uma Escola para Ensinar a Sobreviver os Novos-Pobres. Seria grave injustiça ignorarmos que, em Portugal, há um reduzidíssimo número de desendinheirados. Alguns vão aparecendo, porém, e o filantrópico Zózimo estimaria apetrechá-los com vista à difícil batalha da vida — furtando-os, concomitantemente, e mercê duma adequada preparação sociológica, às capciosas seduções dumas quantas doutrinas malsãs.

O corpo docente recrutar-se-ia, como é óbvio, entre vários indivíduos que toda a gente conhece e admira — esses que, com mil e quinhentos escudos de ordenado mensal, sustentam principescamente uma casa de família e ainda vão arrecadando uns tostõezinhos na Caixa Geral dos Depósitos...

SER POETA!...

A Pedro Zargo

Ser poeta
E' ser náufrago dum barco d'ilusões!
E' ter, em cada dia
Um pão d'amargura e fel p'ra mastigar!
E' ver, no voo d'ave
Um hino d'amor ao sublime!
E' arrastar uma existência de miséria e dó
Com fulgores de renúncia pelas vestes d'oiro!
E' ter a cada instante uma saudade,
E' viver para a vida duma flor
E ter um sonho só: Eternidade!

MARTINS GALANTE

dos LIVROS & dos AUTORES

Interpretação de Nossa Literatura

POR RENATO JOBIM

DUAS características marcaram o aparecimento da «História Breve da Literatura Brasileira», de José Osório de Oliveira: era obra não de brasileiro, mas de português; tinha por escôpo, acima da crítica individual dos escritores, revelar o esforço deles por uma literatura nacional.

Uma das teses propostas à discussão é velha, mas nunca suficientemente esgotada: apesar dos regionalismos, há uma literatura brasileira. Que fatores, pois, influem na formação dessa literatura única, homogénea, parte da unidade na variedade que, segundo Alceu Amoroso Lima, «tem sido, há quatro séculos e meio, a própria lei fundamental de nossa evolução histórica e que tanto vale para o desenvolvimento sociológico, em sentido amplo, como para o desenvolvimento cultural e particularmente para o literário»?

José Osório de Oliveira se detém por poucas páginas no exame da questão, o bastante para salientar como fator primacial «o estilo da vida social». Estabelecer diferenças entre a cultura social e a cultura literária, a primeira genuinamente brasileira, «resultado do regime económico, do sistema de trabalho, da organização social do Brasil», e a segunda produto de importação até o advento do modernismo. Daí podemos inferir, que, com o modernismo, a cultura social passou a constituir a matéria-prima da cultura literária — compromisso da minoria intelectual com a terra.

Defende ele o ponto de vista corrente de que, mais que a datureza, influiu na psicologia da população brasileira a terra modificada pelo homem, o estilo de vida que as roças caldeadas aqui adoptaram. «E esse estilo de vida próprio, brasileiro, — destaca — é que o factor primacial da literatura do Brasil. «Quanto a divisão dos períodos de nossa literatura, o autor despreza os critérios de Sílvio Romero, José Veríssimo, Ronald de Carvalho, Artur Mota, para propor uma de feição pragmática: o período em que «a literatura é exterior ao meio, descreve a natureza de fora, retòricamente, ou se alheia dela, e não só repete o estilo português como adopta, sem muitas vezes adaptar, os carácteres psicológicos e os sentimentos europeus; e aquele outro em que a literatura, identificada com o meio, passa a exprimir, duma maneira brasileira, o que é o Brasil. «Daí não aceitar que os homens da Independência, citados por José Veríssimo como percursores do nacionalismo, tenham sido intelectualmente brasileiros. Cita como exemplo José Bonifácio, o Velho, «literàriamente português». Aí parece cair num exagero muito comum; embora ninguém discuta que Bonifácio, como outros homens públicos e escritores da época, se houvesse educado nos moldes lusitanos, tinha os olhos voltados para o Brasil, pensava e agia literàriamente em função do Brasil, versando temas brasileiros. Seu lusitanismo residia ùnicamente na forma, não na intenção e no conteúdo...

Discordando do primado da forma sobre o conteúdo, como expressão genuinamente literária dos nossos costumes, estamo-nos opondo à tese do autor da História Breve. Mas não nos soa justo considerar escritores como Brasílio da Gama e Santa Rita Durão «menos brasileiros» que Gregório de Matos, por terem escrito suas epopeias nacionalistas com sintaxe, terminologia e imagens portuguesas. Poderiam escrevê-las doutra maneira? Condições externas agiam poderosamente sobre eles: a educação portuguêsa que receberam como os demais contemporâneos cultos, o estilo literário da época, a ausência, em nosso país, de um lastro cultural e de uma linguagem particularmente brasileira. Antecipar-se desmesuradamente ao seu tempo, ultrapassar séculos de sedimentação cultural para tingir o estudo vanguardista de criação de uma literatura autóctone, através de uma linguagem muito nossa, não estaria ao alcance daqueles épicos do século XVIII.

Torna-se evidente que, para José Osório de Oliveira, os autores vão-se aproximando do nacionalismo literário ideal à medida que procuram harmonizar, melhor que os antecessores, seu estilo pessoal com os recursos de expressão da gente nativa. Assim é que escreve, em conformidade com outros autores: «...a linguagem de todos os poemas indianistas de Gonçalves Dias é ainda a linguagem de um europeu pela cultura», e se empolga com a «revolução do domínio linguístico» que foi Macunaíma de Mário de Andrade.

De acordo com a tese do autor, se os modernistas passaram a reproduzir a língua do povo, a combater todo e qualquer preconceito literário, a deter-se em imagens e motivos anteriormente considerados prosaicos, não literários, a explorar vorazmente tudo o que

Continua na página 6

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	AVEIRENSE
Domingo . . .	SAÚDE
2.ª feira . . .	OUDINOT
3.ª feira . . .	MOURA
4.ª feira . . .	CENTRAL
5.ª feira . . .	MODERNA
6.ª feira . . .	ALA

porta - chaves; um tampão de roda dum auto - pesado; uma esferográfica; um par de luvas de homem; um saco de linhagem; um guarda - chuva de senhora; uma boca de incêndio; um chapéu de palha; uma importância em dinheiro; dois porta - moedas; uma chave; uma sombrinha de senhora; uma capa de plástico; uma pulseira para homem; uns óculos escuros; uma luva de senhora; e um par de luvas de senhora.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

* Em 9, depois de descarregado, saiu para o Porto, o galeão-motor *Primus.*

* Em 10, saiu para Viana do Castelo, em lastro, o navio-motor *São Silvano.*

* Em 12, procedentes de Viana do Castelo, St. Jean de Luz, França, e Leixões, respectivamente, entraram a barra o rebocador *Rio Vez* e o batelão *2-B*, o navio de pesca francês *St. Lucie*, arribado por motivo de mau tempo, e o rebocador *Foz do Vouga*; e saíram, para o porto de Leixões, o batelão *Bela* a reboque do *Foz do Vouga.*

* Em 14, com destino a Dacar e Porto, respectivamente, saíram o navio-motor de pesca francês *St. Lucie* e o rebocador *Rio Vez.*

Campanha Lanar de 1962

A semelhança dos anos anteriores, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários presta aos ovinicultores *assistência técnica gratuita* com o principal objectivo de contribuir para a valorização das lãs nacionais, procurando-se que tanto a tosquia como o enrolamento e armazenagem dos velos se façam segundo os preceitos técnicos mais aconselháveis.

Os lavradores que desejarem a assistência técnica da Junta deverão solicitá-la directamente às Delegações deste Organismo ou por intermédio dos Grémios da Lavoura ou Cooperativas Ovinas.

Só poderão ser concentradas para venda em leilão com prévia classificação e avalição da Junta as partidas de lã que tenham sido tosquiadas por manajeiros encartados e para as quais haja sido solicitada a assistência técnica dos Serviços.

A Junta só poderá fazer adiantamentos de fundos por conta de lãs concentradas nas condições indicadas.

VI Festival Gulbenkian de Música

Integrado no plano do VI Festival Gulbenkian de Música do ano corrente, vai realizar-se em Aveiro, no dia 5 de Junho, pelas 21.30 horas, no Teatro Aveirense, um concerto coral pelo famoso Orfeão Pamplonês, um dos mais reputados agrupamentos vocais de Espanha. Dirige-o o seu regente titular, Pedro Pirfano.

O programa inclui alguns dos mais representativos nomes da história da música, tais como Joaquim des Prés, Palestrina, Strawinski, Falla e ainda espirituais negros e canções regionais.

Rotary Clube

Na segunda-feira, durante a habitual reunião do Rotary Clube de Aveiro, o sr. Dr. Bernardo Mendes de Almeida (Conde de Caria) proferiu uma notável palestra subordinada ao tema «Breves considerações sobre a nova Técnica dos Impostos Portugueses».

Esperamos, na próxima semana, dar mais circunstanciada notícia sobre aquela reunião e sobre a mencionada palestra.

Novas gerências

Sangalhos Desporto Clube

No passado dia 3, tomaram posse os novos corpos gerentes do prestigioso Sangalhos Desporto Clube, eleitos em Assembleia Geral Ordinária efectuada em 17 de Abril findo.

O elenco dirigente da conhecida colectividade bairradina ficou assim formado:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Prof. Bento Lopes; e *Secretários* — Miguel R. Oliveira e Arnaldo Páscoa.

DIRECÇÃO

Presidente — Nelson Neves; *Vice-Presidente* — Eng.º Mateus Augusto Neves; *1.º Secretário* — Lopo Sousa Freitas; *2.º Secretário* — Carlos B. Castro; *1.º Tesoureiro* — Sidónio de Sousa; e *2.º Tesoureiro* — Miguel Angelo Meneses.

SECÇÃO DE CICLISMO

Ivo Neves e Ernesto Silva Santos.

SECÇÃO DE BASQUETEBOL

Feliciano Godinho Neves, António Maria Santiago e António Sousa Veia.

CONSELHO FISCAL

Manuel Alves, Mendes, Fausto Carvalho e António Costa Feijão.

SECÇÃO CULTURAL

Dr. Manuel F. Seabra, Adriano Rodrigues Seabra e Amândio Neves Albuquerque.

«A' espera de Godot»

A data inicialmente anunciada para a representação da grandiosa peça do famoso dramaturgo Samuel Beckett, *A espera de Godot*, pelo Circulo Experimental de Teatro de Aveiro, foi mudada para o próximo dia 2 de Junho.

Quem perdeu?

Relação, referida ao período de 1 de Março a 30 de Abril, dos objectos e valores achados na via pública e entregues na Secretaria do Comando da P. S. P. de Aveiro, onde se entregam a quem provar que os mesmos lhes pertençam:

Uma meada de lã preta; um aro de farol de automóvel; duas notas de 20$00; duas caixas com 20 sacos de «Teletov»; dois porta-moedas com dinheiro; um capuz de gabardine; uma bomba de bicicleta; dois embrulhos com artigos em plástico; parte de um tubo de escape; um oleado; três argolas com chaves; duas luvas de senhora; um relógio de pulso; um

FAZEM ANOS

Hoje, 19 — A sr.ª D. Aida Araújo, esposa do sr. Dr. Euclides Simões de Araújo; o sr. Ricardo das Neves Limas; e a menina Maria Margarida Salvador Quininha, filha do sr. Dr. Cândido Quininha.

Amanhã, 20 — A sr.ª D. Maria Júlia Sousa Lopes; os srs. Dr. José Amador, Joaquim Duarte Silva Pereira Peixinho, Tenente Antero Alves da Cunha e Albano Araújo Nunes Génio; as meninas Maria Isabel Raposeiro Santos, filha do sr. José Henriques dos Santos, e Maria Teresa Pereira da Silva, filha do sr. Sansão da Silva; e o menino Emanuel Vinagre da Naia Sardo, filho do sr. João Sardo.

Em 21 — As sr.ªs D. Ascenção da Silva Pereira Justiça, esposa do sr. Alberto da Silva Justiça, D. Maria da Conceição dos Reis Ferreira, esposa do sr. Artur José Ferreira, e D. Soledade Gamelas, esposa do 2.º Sargento-enfermeiro sr. Firmino Gonçalves; os srs. Aurélio Humberto Alves de Morais Calado e Fernão Borges de Carvalho: e as meninas Cândida do Rosário da Rocha Baptista Marques, filha do sr. Dr. António Fernando Marques, e Marília da Conceição de Jesus Reis, filha do sr. Marciano Pinto dos Reis Júnior.

Em 22 — A sr.ª D. Maria do Carmo de Pinho Mieiro, esposa do sr. Ricardo Mieiro; e o sr. José de Melo de Vilhena.

Em 23 — O sr. José Luís Fino de Figueiredo; e as meninas Maria Manuela, filha do sr. Mário Manuel Vilhena da Cruz, Maria da Conceição, filha do sr. Darlindo Tavares, e Rosa Maria Ratola Marques, filha do sr. Abílio Marques.

Em 24 — As sr.ªs D. Maria Helena Nunes Simões de Pinto Correia Teles, esposa do sr. Eng.º Rogério de Faria Correia Teles, residentes em Luanda e D. Luzia Ventura Lopes Soares, esposa do sr. José Fernandes Soares.

Em 25 — As sr.ªs D. Maria do Cardal Magalhães Lima Osório e prof.ª D. Ana Mendes Pereira Tinoco Ferreira Marques, esposa do sr. Eng.º Lauro Amando Ferreira Marques; o sr. Manuel Martins de Melo; e o menino Carlos Manuel das Neves dos Reis de Oliveira, filho do sr. Carlos dos Reis de Oliveira.

CASAMENTO

Na Sé, realizou-se, no passado domingo, o casamento da sr.ª prof.ª D. Ermelinda Guimarães Marcela, filha dos professores desta cidade sr.ª D. Zélia Gonçalves Guimarães e sr. António dos Santos Marcela, com o sr. prof. José Godinho de Almeida, filho da sr.ª D. Rosa Francisca Godinho, de Maceda (Ovar), e do sr. Francisco Rodrigues de Almeida, ausente no Brasil.

Foi oficiante o Reitor do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa, Mons. Aníbal Ramos, tendo servido de padrinhos: pela noiva, a sr.ª prof.ª D. Sara Guimarães Marcela e o sr. Dr. Cândido Tavares Quininha; e, pelo noivo, a sr.ª D. Maria Regina La-

Curso de Extensão Universitária sobre o Romance Português

Como se anunciara, e no proseguimento do Curso de Extensão Universitária sobre o Romance Português, o escritor Dr. Joel Serrão proferiu, na penúltima sexta feira, dia 11, uma conferência no Clube dos Galitos. Subordinado ao tema «Naturalismo, Realismo e Reacção Anti-Naturalista» o trabalho a todos os títulos constituiu um êxito. O público excedeu a capacidade do salão do Clube, tendo ficado muitos pessoas de pé, inclusivamente no corredor. Além disso a assistência mostrou-se muito atenta, seguindo o desenvolvimento do tema com evidente interesse.

Presidiu o escritor Dr. Mário Braga, em representação da Sociedade Portuguesa de Escritores, que se fez ladear pelos srs. Dr. José Pereira Tavares, antigo Reitor do Liceu e actual Presidente da Assembleia Geral do Clube dos Galitos, e Dr. António Manuel Gonçalves, Director do Museu Regional de Aveiro.

Fez a apresentação do conferencista sr. Dr. José Pereira Tavares que traçou um ligeiro escorço biográfico do Dr. Joel Serrão e enunciou a sua bibliografia. O ilustre crítico e sociólogo leu então o seu trabalho. No final, porque a conferência era sujeita a debate, o Dr. Mário Sacramento fez duas observações, que o conferêncista achou procedentes, como abertura de novos ângulos de observação no tema que tratara.

Casa dos Pescadores de Aveiro

Admissão de Empregado de Secretaria

A «Casa dos Pescadores de Aveiro» admite, mediante concurso, um escriturário para serviço na Secretaria da Sede em Aveiro, com o ordenado mensal de 1250$00.

A inscrição está aberta até 31 de Maio, na Sede, onde se prestarão informações.

vrador Quininha e o sr. prof. Manuel de Pinho Moreira.

Ao novo lar desejamos as melhores felicidades

PEDIDO DE CASAMENTO

Por seus pais, sr.ª D. Luísa Fernandes Costa Trindade e sr. Humberto Moreira Trindade, foi pedida em casamento para o sr. João José da Costa Trindade a menina Odete do Rosário da Silva Matos, professora oficial, filha da sr.ª D. Emília da Silva Matos e do sr. Joaquim Nunes de Matos.

DR. MÁRIO JÚLIO DE MELO FREITAS

Vindo de Roterdão, onde brilhantemente desempenhou as suas funções oficiais, encontra-se em Aveiro o sr. Dr. Mário Júlio de Melo Freitas.

Dentro de dias seguirá para o México, para ali desempenhar o cargo de 1.º Secretário de Legação, elevado posto a que foi recentemente promovido.

Ao nosso ilustre conterrâneo desejamos as maiores felicidades pessoais e profissionais.

JOAQUIM DUARTE

Por ter sido colocado na Base Aérea n.º 3, de Tancos, deixa Aveiro, onde permaneceu durante vinte anos, o Sargento Joaquim Nunes Duarte, com longa folha de serviços na Base de S. Jacinto.

Devotadíssimo ao desporto regional, muito lhe devem os clubes locais, particularmente pelos ensinamentos que generosamente e competentemente propicicou aos seus atletas.

De trato lhano, prestável, profundo conhecedor de múltiplas modalidades desportivas, Joaquim Duarte granjeou no meio aveirense inúmeros amigos e admiradores. Foi jogador de basquetebol do Esgueira e treinador do Illiabum e do Sangalhos (campeão distrital de Aveiro); e ainda treinador de andebol do Beira-Mar (campeão distrital), da Base Aéra 7, de São Jacinto (campeão nacional) e do Liceu (campeão nacional).

Dedicado e apreciado colaborador do *Litoral,* oxalá a distância o não afaste, ao menos, do convívio com os seus leitores. E' quanto egoistamente desejamos ao formular votos de muitas felicidades a Joaquim Duarte neste momento, sempre doloroso, das despedidas.

DÉCIO CERQUEIRA

Foi há dias acometido de doença súbita o sr. Décio Ala da Penha Cerqueira, digno funcionário da Direcção Escolar, valoroso e conhecido desportista, actualmente na presidência da Associação de Andebol de Aveiro e membro do Conselho Técnico da Associação Distrital de Futebol.

Por felicidade, o sr. Décio Cerqueira tem melhorado consideràvelmente, facto que tranquiliza os seus numerosos amigos, compreensivelmente alarmados com a notícia do inesperado acidente.

Formulamos os mais sinceros votos pelo seu completo restabelecimento.

EM VIAGEM DE ESTUDO

Em viagem de estudo aos centros produtores de sal, seguiram para Alemanha e França, no passado dia 9, os srs. A'lvaro de Sousa e Artur Rocha, sócios gerentes da *Sociedade Aveirense da Higienização de Sal, L.da,* que naqueles países vão contactar com as firmas que hão-de fornecer o equipamento industrial da fábrica que aquela sociedade projecta estabelecer em Aveiro.

DESPORTOS

— Continuações da última página —

Xadrez de Notícias

domingo, um jogo : Amoníaco, 28 — Recreio, 27.

A partida Sanjoanense — Illiabum foi adiada «sine-die», encontrando-se marcados para amanhã os desafios da derradeira jornada : Amoníaco — Sanjoanense (22-45) e Illiabum — Recreio (25-26).

Na segunda-feira, e com a presença de mais de duas dezenas de concorrentes, principiou um torneio de ping-pong inter-sócios promovido pelo Sangalhos.

Na penúltima ronda da fase inicial do Campeonato Nacional de Juniores, em futebol, os grupos de Aveiro alcançaram estes resultados :

Maia, 2 — Sanjoanense, 2 e Oliveira do Douro, 4 — Beira-Mar, 0.

Amanhã, a Sanjoanense joga, no seu campo, com o Vitória de Guimarães, e o Beira-Mar desloca-se a Viseu, para defrontar o Académico daquela cidade.

Para dirigir o encontro de futebol Benfica — Beira-Mar foi designado o árbitro sr. Encarnação Salgado, de Setúbal.

Comunicado do GALITOS

ram no aludido enconto; b) — instaurar um processo disciplinar, tendo sido nomeados inquiridores os presidentes, secretário-geral e tesoureiro da Direcção; c) — comunicar à Federação Portuguesa de Basquetebol que o Clube, por não ter jogadores em número bastante para constituir uma equipa, se via forçado a desistir da prova que disputava.

4 — No dia seguinte, um jornal desportivo da capital dava já a notícia da desistência — *antes portanto de haver possibilidade de em Lisboa se conhecer a deliberação da Direcção* — de forma a supor-se que ela teria tido origem em exigências materiais dos jogadores!

5 — E no último sábado, um outro jornal desportivo de Lisboa dava como certas essas exigências e permitia-se a fazer uma série de acusações extremamente graves e ofensivas para os atletas visados!!!

6 — Ora a verdade é que estes atletas — na maioria inscritos no Clube há largos anos — *nunca fizeram quaisquer exigências monetárias,* antes pelo contrário, à nossa Colectividade têm dado, para além do seu esforço físico, *apreciável contributo material,* aliás de acordo com o *amadorismo integral desde sempre aqui praticado.*

7 — Assim, esta Direcção *repudia indignadamente a falsa acusação formulada contra aqueles atletas* e lamenta a leviandade com que ela foi tornada pública, por parte de quem tem a estricta obrigação de informar apenas dentro da verdade.

8 — E como a divulgação das referidas notícias assume aspectos deveras estranhos e injustamente fere a dignidade de consócios seríssimos, a Direcção vai expor o caso ao Ex.^mo^ Senhor Director Geral dos Desportos.

9 — Está a decorrer o inquérito instaurado, tendo já sido ouvidos em declarações todos os atletas suspensos; logo que aquele chegue a final, imediatamente serão tornadas públicas as respectivas conclusões.

10 — Entretanto, e no intuito de se evitarem especulações, desde já se esclarece o seguinte:

a) — as faltas imputadas aos atletas foram consideradas graves, mais pela rigidez da disciplina interna, que pelos actos em si; b) — a única quebra das normas do amadorismo vigente no Clube seria constituida pela exigência de alguns atletas, que quizeram almoçar no Porto; este ponto mantem-se em averiguações, dadas certas circunstâncias alegadas por esses mesmos atletas.

11 — A Direcção do Clube mantem a firme disposição de agir com a maior severidade perante todas as faltas que vierem a ser apuradas, sejam quais forem as consequências e os prevaricadores.

12 — E reitera a sua repulsa pela acusação feita aos atletas sobre hipotéticas exigências monetárias que, repete-se, jàmais existiram; neste aspecto, a Direcção do Clube dos Galitos solidariza-se inteiramente com a indignação dos atletas visados, por si própria suspensos, sim, mas por factos inteiramente diversos e infinitamente menos graves.

Aveiro, 14 de Maio de 1962

Benfica - Beira-Mar

do... Mas não nos alonguemos em considerações que só por boa vontade aqui cabem.

O encontro de amanhã, frente aos campeões Europeus, tem para o Beira-Mar um inferesse relativo. Não é um encontro previsto para a conquista de pontos, pois todo o desportista atento e honesto conhece a diferença de valor que separa os dois contendores. Isso não afasta, no entanto, a ideia radicada de que o Beira-Mar tem capacidade para oferecer réplica valorosa, e que está ao seu alcance um resultado digno e que não envergonhe. Tal como aconteceu em Alvalade, mais golo menos golo, estamos seguros de que esse objectivo será atingido. Da calma e descontracção das duas turmas, será mesmo de esperar um bom espectáculo de futebol.

F. E. DIAS

Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro

Sede: Av. do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 110-3.º

ALARGAMENTO DE ÂMBITO

Agentes comerciais representantes e comissários de negociantes e fabricantes nacionais ou estrangeiros

Por despacho de 20 de Abril último, publicado na 2.ª Série do Diário do Governo de 8 do mês corrente, Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social determinou o alargamento do âmbito desta Caixa, nas modalidades de previdência e abono de família, a todos os agentes comerciais, representantes e comissários de negociantes e fabricantes nacionais ou estrangeiros e respectivo pessoal, com efeitos a partir de 1 de Maio de 1962.

Todos as entidades patronais que exercem as actividades em referência, e que não sejam directamente avisadas, podem solicitar quaisquer esclarecimentos que serão prontamente prestados na Sede da Caixa ou pelos Telefones 23136-7-8.

Aveiro, 8 de Maio de 1962

A Comissão Organizadora

Interpretação de Nossa Literatura

Continuação da terceira página

é nosso, cabe a eles e aos seus sucessores a autoria da legítima literatura brasileira; as escolas e correntes que os antecederam não teriam representado mais que pm longo preparativo para a fixação definitiva, em termos estéticos, da realidade nacional. A circunstância de ter visado com o presente estudo «definir a trajectória da (...) progressiva caracterização de nossa literatura», indica a pouca conta em que o autor tem o nosso passado literário. Eis por que minimiza a obra de Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Castro Alves, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Franklin Távora, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Afonso Arinos, Coelho Neto e outros, exaltando, quase por exceção, Manuel António de Almeida, autor das páginas «mais brasileiras do que toda a literatura indianista ou, mesmo, as da literatura sobre os caboclos feita pelos românticos». Ainda no romancista de «Memórias de um Sargento de Milícias» encontra duas grandes qualidades: ter escapado ao «convencionalismo romântico» e escritos com «simplicidade e despreocupação». «Convencional», aliás, é o adjectivo que emprega ao referir-se aos romancistas que retrataram o homem brasileiro antes dos modernistas. Chega a comparar um romance de escola romântica — «O Guarani» — com «Usina», de José Lins do Rêgo, e o «Ateneu», de Raúl Pompeia, com «Doidinho», do mesmo romancista do Nordeste, encontrando maior mérito na obra do moderno... Alencar, no seu entender, é uma peça a mais na nossa legítima literatura: «sua obra representa um grande passo para a diferenciação entre a literatura brasileira e a portuguesa».

Afigura-se-nos tanto despropositado encontrar no romancista do «Guarani» «falta de espontaneidade» por ter-se ele empenhado em fazer metòdicamente obra de carácter nacional, quanto em comparar a obra de românticos do século passado com a de modernistas. A primeira conclusão tem refutação óbvia. Na segunda, basta levar-se em conta, para destruí-la, que a obra dos românticos só será convencional se comparada aos valores hoje vigentes para a elaboração de obra nacionalista. Situados dentro da conjuntura histórica, social e literária de suas respectivas épocas, Alencar e Coelho Neto foram autênticas expressões do nacionalismo estético, assim aceites e incorporados como marcos às nossas letras.

Do que ficou dito concluímos que José Osório de Oliveira incorreu, por todo o seu estudo, num anacronismo de posição. Louve-se no ensaista a capacidade de síntese, as numerosas informações básicas, a fluidez da exposição e o interesse que há tantos anos vem demonstrando pelos assuntos brasileiros.

Rio de Janeiro

Renato Jobim

Em prol das valorizações regionais

Continuação da primeira página

estabeleceram e firmaram junto dos rios e dos mares. Assim, as zonas do litoral, dominadas pela influência de um compreensível condicionalismo ancestral, tem sido as que mais se têm desenvolvido e onde mais predomina a afluência e a acção demográfica.

Porém, à medida que se processam as facilidades dos transportes e se aceleram os recursos das comunicações, esse determinismo vai perdendo a sua razão de ser.

Há, pois, que promover e intensificar o estudo sobre as necessidades das valorizações regionais do nosso País, sobretudo o desenvolvimento sistemático das zonas econòmicamente menos adiantadas que se situam longe das foixas do litoral.

Refiro-me, por conseguinte, às zonas do interior, às zonas serranas, a todas essas extensões do País onde na aparência da aridez, se escondem ainda, com certeza, imensas riquezas inexploradas e as pessoas se condicionam a uma vida triste e mesquinha, por vezes miserável, cheia de carências e pouco conforme com os tempos que decorrem. São os arroteamentos, as barreiras protectoras, os canais de rega e enxugo, a construção das estradas rurais, as linhas eléctricas, a facilidade de utilização das maquinarias agrícolas, o apoio às grandes e pequenas indústrias... e, a par disto, a criação de escolas técnicas e profissionais, da agricultura, da indústria e do artesanato, tudo, enfim, o que constitui a vida progressiva dos nossos dias.

É certo, e disso sabemos, que se tem esboçado alguns trabalhos sobre esta matéria, sobretudo o Instituto Nacional de Investigação Industrial; mas, na realidade, não vimos ainda, em definidos planeamentos, qual o caminho a seguir neste capítulo importantíssimo da nossa valorização económica.

Todavia, estamos em crer, que os contactos que actualmente se promovem com as técnicas estrangeiras e o incremento das especialidades investigadoras que, entre nós, se processam já, darão mais dia menos dia um impulso fecundo a este propósito, que resulta de uma imprescindível conveniência no todo económico da Nação.

M. Lopes Rodrigues

Francisco António de Resende Júnior

Continuação da primeira página

«Porto de há trinta anos» lhe chamava a atenção para «um rapaz muito simpático, de porte elegante, vestindo a primor» que era natural de Aveiro e frequentava a Academia Politécnica, faz agora um século. Ora, do futuro engenheiro — engenheiro «doublé» de homem de Letras — lembrava aquele escritor: «poeta, frequentava as aulas e, sendo estudante de matemática, passava as noites a recitar versos às damas».

Resende Junior era, com efeito, aveirense, nascido a 25 de Agosto de 1839, filho de José António Resende e de D. Joana Rita Delfina de Resende, creio que na freguesia da Vera Cruz. Por aqui fez os preparatórios, por aqui traquinou, tomou contacto com o mundo e se fez homem e aveirense. Viveu intensamente a vida de Aveiro e os seus problemas, participou activamente na vida pública da sua terra, tomou a sua quota parte nas lutas políticas. Assíduo colaborador do «Campeão das Províncias», especialmente na edição que este jornal manteve durante alguns anos para o Brasil, aí deixou, quer em prosa, quer em verso, numerosas e valiosas produções. Marques Gomes refere-se-lhe algures, nos seguintes termos: «Resende Junior foi folhetinista, dramaturgo, orador e poeta e em todos estes ramos da literatura se distinguiu. Tinha um estilo seu, cintilante e moldado nos melhores mestres da língua».

Concluiu, com vinte e dois anos incompletos, o curso de pontes e estradas e alcançou na mesma escola superior portuense o diploma de engenharia de minas. Cerca de um mês após a formatura, foi nomeado engenheiro, com a graduação de segundo-tenente, e colocado na Direcção de Obras Públicas do Distrito de Aveiro. Vinha para a sua terra, pela qual sentia um forte apego e onde permaneceu até que a doença, em fins de Outubro de 1873, dela o arredou para o Funchal. Não encontrando ali alívio para os seus males, o literato romântico minado pela doença que parecia considerar os escritores como vítimas de eleição, regressou a Aveiro, para aqui sucumbir a 31 de Janeiro de 1875.

Elaborou numerosos projectos de pontes e estradas, alguns dos quais tive ocasião de manusear ainda no arquivo da Direcção de Estradas, perdido no incêndio do edifício das repartições distritais em Outubro de 1942, e entre os quais se contava, que me lembre, o da estrada de Aveiro para Ilhavo, com o traçado que ainda hoje utilizamos, muito mais cómodo e curto do que o velho itinerário pelo Lila.

Enquanto se manteve em Aveiro, Resende Junior desempenhou funções de procurador à Junta Geral e de vogal do Conselho de Distrito, foi presidente da assembleia geral da Associação Aveirense de Socorros Mútuos, à qual prestou apreciáveis serviços, e secretário da administração do Asilo de José Estêvão, que serviu com grande dedicação. Um pouco à margem da sua profissão e já atestando o seu pendor de artista, ficamos-lhe a dever o risco para o «monumento das cabeças», onde se guardam as caveiras dos aveirenses que, pela sua activa participação na revolução de 16 de Maio de 1828, foram justiçados pelos absolutistas.

Mas o que sobretudo vem a propósito recordar de Resende Junior é a sua faceta literária. Marques Gomes, que mais do que uma vez se lhe referiu elogiosamente, classifica de encantadores os folhetins que publicou na imprensa local, «especialmente alguns políticos, esfusiantes de graça» e considera que valia bem a pena reuni-los em volume. Apreciemos um trecho do que redigiu na altura em que o conselheiro José Dias Ferreira visitou Aveiro para agradecer a sua eleição para deputado pelo círculo:

«Foi realmente esplêndida a festa. Havia motivo para as magnificências. Sobrava incentivo aos esplendores. Não era só a espera atenciosa a um hóspede ilustre. Não era apenas a recepção a um viajante estimado. Era ainda mais do que a homenagem de respeito a um chefe benquisto. Era a religiosa adoração de um ídolo querido. Muitos julgaram conhecer que não ia nesses festejos a espontânea manifestação da vontade geral, mas o artificioso fanatismo de uma seita mercantil. Engano de óptica, por certo.

«Foi realmente esplêndida a festa. O solo era juncado de verdes. Extensos festões de buxo corriam ao longo das ruas, como para transmitir o fluido eléctrico do entusiasmo que aparecesse. Inúmeras bandeiras se desenrolavam do topo dos mastros em diversas posições e de variegadas cores. Houve o pensamento de inscrever em cada bandeira a designação de cada benefício que a população devia ao herói da festa. Desistiu-se, porém, do intento. Ou não havia bandeiras para tantas inscrições, ou não ocorreu inscrição para uma única bandeira. Esquecimento que produz o entusiasmo»...

O mesmo historiógrafo aveirense, que é um manancial quase inesgotável para quem se debruce sobre o passado de Aveiro, cita, como exemplo, este outro naco de bem humorada prosa, em que Resende Junior criva de ironias um tal João do Mestre, já visado, aliás no folhetim, em verso, «Uma partida... política», inserto nos «Cinquenta anos de vida pública»:

«Ao nome vulgar do baptismo adicionavam o *do Mestre*, que lhe tem grangeado a maior nomeada. E mais um sinal de respeito. Desde o Divino Mestre até ao mais somenos chefe de qualquer oficina, sempre aquela designação significou: predomínio, importância, superioridade. Aqui não falha a regra. Acompanha-o uma geral consideração. Segue-o por toda a parte um murmúrio de admiração sincera. Goza de todas as atenções. E merece-as porque são relevantes os serviços que presta.

«A sua influência percorre todos os degraus da escala social. Procuram-no como advogado. Querem-no como procurador. Desejam-no como veterinário. Estimam-no como médico. Buscam-no como agente. Apreciam-no como diplomata. Quase o consideram como ministro. E que prodigiosa variedade de funções!

«Aqui endireita um braço; ali trata de uma sobrecana; acolá extirpa umas sezões; adiante arranja uma sentença; mais além despacha um afilhado; ontem arranjou um deputado; hoje prepara uma câmara; amanhã aclamará um rei: E' a competência de carne e osso!»

O que suscitou estas linhas, porém, foi a referência que Manuel Lavrador fez à única peça de Resende Júnior publicada — «A Última Libra» — e que Alberto Pimentel aludira na obra mencionada. Esse «ensaio dramático», conforme o denomina o autor é a história de um rapaz sem escrupulos, cínico e cúpido, que, de posse de um segredo, pretende a mão de uma menina rica para lhe caçar o dote, e, à recordação da mãe, acaba por um rebate de consciência e a aceitação do justo castigo. Peça romântica, de frágil construção, mereceu a Camilo, que a prefacia, lisonjeiros elogios. «Bem engenhado e correcto drama, verá que a imprensa lho festeja e os leitores o animam a escrever outro e mais», escreve o autor da «Brazileira de Prazins», que nota ao jovem dramaturgo uma vigorosa vocação e lhe enaltece os enfeites de linguagem que superabundam na mimosa estreia.

Essa peça foi representada, em 1860 ou 1861, no Teatro de S. João Batista, na fábrica do Cojo — situada na que hoje se chama rua de Homem Cristo —, onde, aliás, Resende Júnior se estreara já, em 1857, como autor dramático, com uma comédia intitulada «Espinhos de amor».

Enquanto ao que parece, não tenha voltado a escrever para a cena, a sua paixão pelo teatro persistiu. Prova-o a poesia que escreveu em homenagem ao grande actor Taborda, quando este, em 29 de Maio de 1863, representou no velho teatro da Rua do Rato — outra casa de espectáculos aveirense de que quase se perdeu memória.

Marques Gomes, traçando-lhe a biografia, aponta-o como estudante laureado, engenheiro hábil escritor distinto, poeta mimoso e orador eloquente. Este ano centenário do falecimento do grande tribuno aveirense José Estêvão, parece oportuno, como mais um testemunho de admiração que o grande parlamentar do liberalismo conquistou entre os seus comtemporâneos, transcrever o discurso que Resende Júnior pronunciou quando os restos mortais do mais eminente e querido dos seus conterrâneos entraram no seu difinitivo jazigo, no cemitério aveirense. É do seguinte teor:

«Estava já seco o pranto, mas não estava extinta a dor!

«Duram às vezes séculos, as ruinas que um abalo de terra produziu num instante.

«Deve permanecer eterna a saudade por o que a morte nos arrebatou num momento.

«Os monumentos reerguem-se, as cidades reedificam-se, os impérios reconstroem-se, e ante o génio abatido curva-se emudecida a impotência humana, gravando apenas um nome na história e uma saudade no coração.

«Por isso estava já seco o pranto, mas não estava extinta a dor.

«Rei da palavra, debruçou-se-lhe sobre o cadáver o país inteiro, chorando-lhe a morte! Semi-Deus da tribuna, soam ainda lá os ecos mal adormecidos da sua voz eloquente!... Anjo tutelar da terra-mãe, Deus queria que ele lhe não balbuciasse o epitáfio no seu derradeiro arranco!

«O homem de talento não morre, perpetua-se nas suas obras. E' uma consolação — aceite-se. Bem carecemos nós dela. Mas o homem sustenta-se na memória do que foi, e não pode tornar a ser. O homem de talento não morre, mas vive como era — e não vive como seria, se fosse. A sua voz não desaparece, porque tomaram corpo as suas palavras, que se tornaram eternas. Mas sobre os lábios caiu-lhe o gelo da morte; mas sobre a fronte desceu-lhe o véu do sepulcro, e não há mais voz, não há mais gesto, porque não há mais vida. A'rvore mimosa, deixou frutos, que ele soube fazer eternos, mas viverão os frutos; não viverá a árvore que a mão do tempo lançou por terra.

«Por isso estava já seco o pranto, mas não estava extinta a dor!

«José Estêvão saiu de entre nós com todo o calor da vida, e volta-nos com o frio da morte! Deixou-nos — vaso de esperanças — e volta — urna de cinzas. Saiu génio, e vem pó. Era infinito, dum espírito sublime, e é um punhado de cinza junto a um acervo de cinzas. Que transformação!

«Não vedes todos os dias o astro do dia afundar-se nas águas do oceano, deixando-nos as trevas duma noite comprida? Aquele sol sumiu-se também no oceano da morte. Mas as trevas que deixou são eternas, porque esta noite não tem fim.

«O monumento caiu feito ruinas, mas as ruinas são ainda um monumento e fazem a glória do país. O edifício desmoronou o tufão da morte, mas três relíquias ficaram que a morte nos não pode roubar — as suas obras, o seu exemplo, e o seu cadáver. As suas obras são do país, os seus exemplos são da humanidade, e o seu cadáver é nosso. A terra que lhe foi berço da infância, foi-lhe cofre de afectos e vai ser-lhe urna de cinzas.

«Aceitemos o legado, como um brazão precioso, e lavre-se esse título nos títulos da nossa nobreza!

«Amigos, eis o que se pode ver de José Estêvão — um túmulo e umas cinzas. E sobre as cinzas vai fechar-se o túmulo, e sobre o túmulo vão fechar-se as portas deste recinto. Está dito o último adeus aos restos do grande homem. Cumpre agora respeitar-lhe a memória, e que cada um lhe levante no coração um monumento, que se perpetue de geração em geração, eternizando-o no livro das nossas saudades, como está eterno nas páginas da história.»

Eduardo Cerqueira

Frente Patriótica

Continuação da primeira página

Não ter em conta a natureza é um erro palmar. Herculano e Pompeia aninharam-se à sombra do Vesúvio e acabaram petreficadas com a lava e muitos outros exemplos análogos há pelo mundo fora.

Com a natureza humana também não se pode brincar sem provocar e sofrer as mais graves consequências. Tentaram-no recentemente Hitler e Mussolini. Vejam o que lhes aconteceu e aos que com eles sintonizaram! Querem outro exemplo, mais recente? Reparem no que o sr. K fez aos húngaros. Essa nódoa de brutalidade e de sangue nunca mais se apagará da memória dos homens; será como uma pilha solar a gerar constantemente ódio ao regime comunista que domina e tortura o povo russo.

Cá, é à natureza humana que devemos dirigir-nos para preparar o meio. Sem isso nada feito.

Isto está dito e redito pelos psicólogos que abundam entre nós e são de tão alta qualidade, que até *fazem história*, mas, uma palavrinha sobre assunto de tão palpitante interesse, nunca é demais. Por outro lado, é essa a missão fundamental da Frente Patriótica, não a esqueceremos, posto que não possamos ignorar os que têm fome de pão e sêde de justiça.

Francisco Rendeiro

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

Campeonato Nacional da I Divisão

Por decisão ministerial tomada no pretérito sábado — e com manifestos prejuízos, de vária ordem, para o clube aveirense — foi transferido para data a designar oportunamente o jogo Beira-Mar - Académica, que deveria disputar-se em Aveiro no dia imediato, integrado na 24.ª jornada da prova.

Esta foi a nota mais sensacional da ronda de reatamento do Campeonato Nacional, já que os desfechos dos jogos realizados não trouxeram surpresas. O empate de Guimarães *explica-se* pelo facto do Benfica não apresentar o seu onze principal.

De resto, será de evidenciar que o Sporting e o Porto são, agora, os únicos grupos que podem conquistar o título. De referir, ainda, que o Sporting da Covilhã ficou definitivamente condenado à descida automática.

● *Resultados do dia:*

Guimarães, 2 — Benfica, 2
Leixões, 2 — Olhanense, 2
Salgueiros, 0 — Belenenses, 3
Atlético, 1 — Porto, 4
Sporting, 3 — Covilhã, 0
C. U. F., 3 — Lusitano, 0

● Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	24	17	5	2	60-16	39
Porto	24	17	5	2	52-15	39
Benfica	24	13	8	3	60-34	34
C. U. F.	24	13	5	6	41-29	31
Belenenses	24	10	7	7	47-35	27
Atlético	24	11	4	9	41-36	26
Académica	23	9	3	11	43-45	21
Leixões	24	9	3	12	41-53	21
Guimarães	24	8	4	12	42-43	20
Olhanense	24	7	6	11	31-40	20
Lusitano	24	8	2	14	27-37	18
Beira-Mar	23	7	4	12	37-52	18
Covilhã	24	5	4	14	27-46	14
Salgueiros	24	2	2	20	16-84	6

● *Jogos para amanhã:*

Porto-C. U. F (1-2), Académica-Sporting (0-4), Lusitano-Guimarães (2-5), Covilhã-Leixões (1-2), Atlético-Belenenses (2-0) Benfica-Beira-Ma (3-2) e Olhanense-Salgueiros (3-1).

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

A antepenúltima ronda costituiu magnífica jornada para o *team* da Vila da Feira que, vencedor na Marinha Grande, deu grande passo para chamar a si o triunfo final na zona nortenha da competição secundária.

● *Resultados do dia:*

Espinho, 3 — Boavista, 0
Sanjoanense, 2 — Peniche, 1
C. Branco, 2 — Torriense, 0
Cernache, 0 — Vianense, 1
Vila Real, 2 — Braga, 3
Caldas, 1 — Oliveirense, 1
Marinhense, 0 — Feirense, 2

● Classificação actual:

	J.	V.	E.	D	Bolas	P
Feirense	24	16	3	5	61-27	35
Braga	24	15	4	5	47-25	34
Marinhense	24	14	4	6	27-26	32
Vianense	24	13	3	8	28-24	29
Espinho	24	9	8	7	37-29	26
Boavista	24	9	7	8	26-27	25
Sanjoanense	24	11	3	10	38-43	25
Peniche	24	9	5	10	43-39	23
Oliveirense	24	9	5	10	25-33	23
C. Branco	24	9	4	11	31-39	22
Torriense	24	8	3	13	18-35	19
Caldas	24	6	5	13	19-41	17
Vila Real	24	7	1	16	31-40	15
Cernache	24	4	3	17	24-57	11

● *Jogos para amanhã:*

Braga-Caldas (0-0), Espinho-Feirense (1-1), Boavista-Sanjoanense (0-0), Peniche-Castelo Branco (0-2), Torriense-Cernache (0-1), Vianense-Vila Real (1-3) e Oliveirense-Marinhense (1-6).

XADREZ DE NOTÍCIAS

Amanhã, em Lisboa, precedendo o jogo Benfica—Beira-Mar, os aveirenses homenagearão os jogadores benfiquistas, bi-campeões da Europa, oferecendo-lhes faixas alusivas à sua recente vitória naquela prova internacional.

Hoje, na Zona Norte, principia a disputar-se a Taça de Portugal, em basquetebol, a que apenas concorre uma equipa aveirense — o Amoníaco, que defrontará, em Coimbra, o Ateneu de Leiria.

Para Ílhavo, encontram-se marcados os jogos Sporting de Tomar — F. C. do Porto, às 21 horas, e Académica — Educação Física, às 22.

No encontro que assinalou o reatamento do Campeonato Distrital de Andebol de Sete (seniores) apurou-se, na terça-feira, este resultado: Sanjoanense, 10 — Atlético Vareiro, 14.

Para ontem estavam marcados os jogos Amoníaco — Escola Livre (14-10) e Académica — Espinho (11-11), ambos da 9.ª jornada, que hoje se completará com as partidas Atlético Vareiro — Beira-Mar (9-6) e Avanca — Sanjoanense (9-14).

Na Série de Aveiro do Campeonato Nacional de Basquetebol da III Divisão, apenas se realizou, no

Continua na página 5

REMO

Voltam a realizar-se em Aveiro, na excelente pista do Rio Novo do Príncipe, os Campeonatos Nacionais de Remo, este ano marcados para 4 e 5 de Agosto.

Também nesta cidade, e quando da realização das aludidas competições, a Federação Portuguesa do Remo promoverá uma reunião do seu Congresso.

ANDEBOL DE SETE

Campeonato de Juniores

A. Vareiro, 4 — Beira-Mar, 6

Jogo em Ovar, no penúltima sexta-feira, sob arbitragem do sr. José Pauseiro.

A. Vareiro — Vitor; Borges, Carvalho, Óscar 1, Vitor II 2, Soares Couto e Faustino 1. *Supls.* — Walter e Aurélio.

Beira-Mar — Lemos; Sequeira 1, Velhinho 3, Bio, Mota, Veiga 1 e Martins de Carvalho. *Supls.* — Serafim, Orlando 1 e Abrantes.

Ao intervalo, os ovarenses venciam por 3-1. Depois os aveirenses impuseram-se de forma decisiva, e ganharam sem discussão.

● Registando nova falta de comparência, a Académica foi eliminada da prova — que fica sòmente com o concurso do Beira-Mar, do Atlético Vareiro e do Sporting de Espinho.

Assim, com o jogo *Espinho-Beira-Mar* — marcado para hoje — termina a primeira volta.

Sport Lisboa e Benfica o próximo adversário do BEIRA-MAR

Há pràticamente um mês e meio que o Beira-Mar não realiza um encontro de futebol de competição!

Para além do amolecimento que uma tão prolongada paragem provoca numa equipa de futebol, levanta aos dirigentes problemas económicos graves, que afectam fortemente a vida de qualquer colectividade de limitados recursos. E a solução continua a estar na boa vontade duns tantos directores, dedicações que servem os que se servem do Desporto, e ainda às vezes afrontosamente compreendidos, com aquela ingratidão tão terrena e tão própria do homem!

Os interesses das colectividades têm que ser defendidos, pois são elas que sustentam todo o espectáculo e só aos seus sacrifícios é devido o prestígio que envolve hoje o futebol nacional. Lá no alto, nos seus lugares de cátedra, os senhores do futebol têm futuramente que dedicar um pouco mais do seu precioso tempo aos interesses económicos dos clubes, à geral situação angustiante em que vivem e à coragem com que teimam em bater-se, numa luta quase inglória pela sobrevivência.

As receitas dos jogos internacionais deviam, em parte, indemnizar as colectividades que são efectadas, para que os cruzeiros vindos do Brasil tivessem para nós algum significa-

Continua na página 5

Basquetebol

Campenoato Nacional da II Divisão

Com a falta de um concorrente — o Galitos desistiu, como noutro ponto se dá conhecimento, esclarecendo-se o público sobre os motivos que determinaram essa atitude —, a prova prosseguiu, no domingo, apurando-se este desfechos:

Vasco da Gama, 52 - Sport, 20
Centro Universitário, 23 - Vilanoven., 67
Sangalhos, 49 - Esgueira, 48
Leça, 37 - Sporting Figueirense, 22
Fluvial, 27 - Guifões, 41

Amanhã, na oitava lornada, realizam-se os seguintes desafios:

Centro Universitário - Vasco da Gama (27-50), Olivais - Vilanovense (44-54), Esgueira - Fluvial (40-54), Leça - Sangalhos (27-32) e Guifões - Sporting Figueirense (27-38).

Sangalhos, 49 — Esgueira, 48

Jogo no Campo do Colégio, sob arbitragem do sr. Albano Baptista.

Sangalhos — Feliciano 2-0, Alberto 4-5, Amândio 4-3, Afonso 14-2, Rosa Novo 2-2, Valdemar 0-8 e Calvo 5-0.

Esgueira — Ravara 4-0, Raul 4 4, Armando Vinagre 2-0, Américo 7-2 e Virgílio 14-11.

1.ª parte: 29-31. 2.ª parte: 20-17.

A partida foi sempre equilibrada, assim se mantendo a tradição dos esgueirenses conseguirem bons resultados na Bairrada.

Desta vez, o jovem Virgílio — com notável actuação — foi um sólido pilar da sua turma, que pregou um sério susto aos sangalhenses. Estes apenas lograram vencer pela contagem mínima!

Boa arbitragem.

A desistência do Galitos

Da Direcção do Clube dos Galitos foi-nos enviado o comunicado que a seguir transcrevemos, na íntegra, por ser perfeitamente esclarecedor dos motivos que forçaram o popular clube — grande baluarte da modalidade no Norte do País — a desistir da prova; e, sobretudo, porque ele vem categòricamente desmentir infundadas notícias, publicadas em jornais desportivos lisboetas, que alarmaram o meio desportivo aveirense e os diversos centros nacionais do desporto da bola-ao-cesto.

CLUBE DOS GALITOS

COMUNICADO

Para os devidos efeitos, a Direcção do Clube dos Galitos torna público que:

1 — No passado dia 7, já depois de finda a reunião ordinária da Direcção, chegaram ao nosso conhecimento determinados factos ocorridos após o jogo de basquetebol disputado na véspera entre o Vilanovense F. C. e a equipa de honra deste Clube;

2 — Porque tais factos foram considerados atentatórios do espírito de disciplina imposto a quantos têm a honra de representar a Colectividade, os directores presentes imediatamente deliberaram:

a) — pedir ao delegado que acompanhou a referida equipa a apresentação de um relatório por escrito sobre o que se passou; b) — perguntar à Federação Portuguesa de Basquetebol quais as consequências de uma eventual desistência do Campeonato Nacional da II Divisão; c) — convocar uma reunião extraordinária da Direcção para o dia seguinte, a fim de se tratar do caso vertente.

6 — Nessa reunião, e com base no que constava do mencionado relatório, entretanto entregue, a Direcção deliberou, *por unanimidade:*

a) — suspender preventivamente todos os atletas que participa-

Continua na página 5

NACIONAIS DE JUNIORES & INFANTIS

No recinto do Sporting Figueirense realizaram-se, no sábado e no domingo, como aqui anunciámos, as *poules* finais dos campeonatos nacionais de juniores e infantis de basquetebol. Olivais, em infantis, e Vasco da Gama, em juniores, alcançaram os respectivos títulos, mercê dos resultados que se apuraram ao longo dos diversos jogos do torneio e a seguir arquivamos:

Infantis

Barreirense, 25 — Esgueira, 18
Olivais, 37 — Queluz, 36
Queluz, 26 — Esgueira, 13
Olivais, 35 — Barreirense, 20

Juniores

Vasco da Gama, 32 — Galitos, 28
Atlético, 38 — Barreirense, 31
Barreirense, 33 — Galitos, 30
Vasco da Gama, 39 — Atlético, 26

Hoje, e por falta de espaço, não nos é possível incluir um apontamento acerca das partidas efectuadas pelos grupos de Aveiro e acerca da orgânica destas provas. Publicamo-lo na próxima semana.

Ex.mo Sr.
João Sarabando
1-820
AVEIRO